

RECENSÕES

PESSOA, Fernando. *O Banqueiro-Anarquista*. Edições Antígona, Lisboa, 181, 70 páginas.

Carlos d'Alge

No dia 30 de novembro de 1983 fez 48 anos que o poeta Fernando Pessoa morreu em Lisboa, no Hospital São Luis dos Franceses, de problemas hepáticos. Estava só, como sempre vivera. Suas últimas palavras foram: "Dêem-me os óculos".

Não sei se alguém, no Brasil, se lembrou dessa data. Pelo menos, nos jornais não li nenhuma referência. Talvez aparecesse nas revistas especializadas de restrita circulação. Agora, os jornais de Lisboa recordam essa data e falam do poeta. Num deles, o JL — *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, desta semana, com tiragem de 25 mil exemplares — pasme-se — publicam-se textos de Pessoa, até então inéditos, e que falam das suas predileções nacionalistas e místicas, mais à direita, e revelam a sua simpatia pela revolução bolchevista, contraditória à defesa que fizera anteriormente do Czar.

Coincidente ou não, as Edições Antígona, de Lisboa, que têm publicado textos malditos e revolucionários, como *Do Terrorismo e do Estado*, de Sanguinetti, *A Insurreição Erótica*, de Giórgio Cesarano, e *Don Juan de Kolomea*, de Sacher Masoch, acabam de lançar um dos contos de Fernando Pessoa, que ele mesmo intitulou de *Contos de Raciocínio*, *O Banqueiro Anarquista*, precedido de um prefácio esclarecedor (e demolidor) sobre o notável poeta, acerca de quem já se escreveram centenas de livros e teses universitárias.

Se o poeta Fernando Pessoa foi um iluminado na poesia não se lhe reconhecem méritos na prosa e muito menos nos raciocínios propostos nos seus contos. Escreve o prefaciador: "Em suma, aquele que fez sonhar tantos infelizes, é inexoravelmente lógico, incapaz do mínimo movimento poético, da mínima inspiração criativa. É o pensamento astuciosamente serôdio do mestre de escola ou do professor universitário, dum reacionarismo grosseiro e, utilizemos os vocábulo ultimados da história, Fascista."

Acrescenta ainda, e causticamente, o prefaciador: "O prosador-Pessoa não é um poeta, é um cabotino-reacionário, primitivo e mal-alinhavado."

Mas do que trata *O Banqueiro Anarquista*, para Fernando Pessoa ser tão violentamente anatematizado? Para já, e em especial para o leitor que apenas conhece Pessoa dos poemas ortônimos ou heterônimos, fica difícil aceitar essa qualificação. Seria necessário debruçar-se sobre os escritos em prosa do poeta, por exemplo naqueles em que o escritor manifesta o seu apoio à ditadura militar de 1926, às idéias integralistas então em voga, e uma antipatia pelo regime republicano e democrático.

Aí fica engraçado, para certos aspectos da vida cultural brasileira recente, principalmente para os responsáveis pela inclusão de textos poéticos de Pessoa nos festivais de conhecidos astros da MPB. Vão se deparar, agora, com um Pessoa não só reacionário, mas visceralmente individualista e avesso a qualquer tipo de governo do povo e pelo povo.

Poderíamos admitir, segundo tese do professor Jacinto do Prado Coelho, que tudo o que se lê de Pessoa, deve-se ler pelo lado estético. Não importam muito as idéias mas a forma como o poeta reveste as suas elucubrações metafísicas e/ou políticas. Bem, aí cabe ao leitor decidir. O fato é que Pessoa era um tremendo individualista e defensor do mais arraigado conservadorismo que faria o orgulho do reacionarismo cabeça-chata. Escreve o poeta, num texto sobre a república: "Se uma nação fosse uma aldeia, bastaria a polícia; como é uma nação, tem que ser a Força Armada inteira". E agora?

No *Banqueiro Anarquista* há um longo diálogo entre o narrador e o banqueiro que de anarquista passa a detentor do capital, e julga, por isso, ser o mais legítimo dos anarquistas. O texto serve suficientemente para explicar as idéias de Pessoa sobre o primado do individual. Conta o banqueiro

como se processou a sua evolução e como ele pôde ser mais anarquista que todos os anarquistas.

Com a palavra o especulador: "Sou materialista (...) para que hei-de ralar-me com propagandas e desigualdades sociais, e outras histórias, quando posso gozar e entreter-me muito mais se não me preocupar com isso? Quem tem só esta vida, quem não crê na vida eterna, quem não admite lei senão a Natureza, quem se opõe ao estado porque ele não é natural, ao dinheiro porque ele não é natural, ao casamento porque ele não é natural, a todas as ficções sociais porque elas não são naturais, porque carga d'água é que defende o altruísmo e o sacrifício pelos outros, se o altruísmo e o sacrifício não são naturais?"

Como o banqueiro não consegue destruir as ficções sociais, tem que vencê-las subjugando-as e reduzindo-as à inatividade. Sendo o dinheiro a ficção mais importante, o banqueiro decide-se tornar-se superior à força do dinheiro. E justifica os meios. Como vencer o dinheiro? Simplesmente adquirindo-o em quantidade bastante para não lhe sentir a influência. Elementar, não?

Assim o sonho do banqueiro é realizado segundo a sua visão muito curiosa do anarquismo. Consegue a liberdade com o poder do dinheiro. Retruca-lhe o narrador e interlocutor: com a conquista do dinheiro, o banqueiro acabava por criar a tirania, como açambarcador e especulador. Justifica o banqueiro que não criou a tirania, que esta não passa de uma ficção social. E conclui, didaticamente: "Destrua V. todos os capitalistas do mundo, mas sem destruir o capital. No dia seguinte o capital, já nas mãos de outros, continuará, por meio desses, a sua tirania."

E, para chocar mais o admirador incondicional do poeta, escreve o prosador-Pessoa: "Se um homem nasce para escravo, a liberdade, sendo contrária à sua índole, será para eie uma tirania."

Não se aborreçam os leitores. Afinal, como recomenda o mestre Prado Coelho, vamos ler o Pessoa-prosador com os olhos da estética e não da análise política. Daí o título deste texto: será *O Banqueiro Anarquista* uma narrativa realmente "insigne-ficante"?

ALENCAR, Edigar de. **Clareza e sombra na poesia do povo**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1984.

— . **Cantigas de enleio e desencanto**. Rio de Janeiro, 1984.

Artur Eduardo Benevides

Edigar de Alencar, cearense que foi projetar-se no Rio, como poeta, cronista, ensaísta e pesquisador de primeira qualidade, acaba de publicar dois livros: *Cantigas de enleio e desencanto*, uma coleção de trovas do melhor feitio, e *Clareza e sombra na música do povo*, uma série de crônicas e pequenos estudos sobre a música brasileira, vista através da luneta crítica de um dos seus mais autorizados desbravadores, que já publicou outros livros de igual, ou maior, significação, no gênero.

Em seus livros sobre Pixinguinha, Sinhô, a modinha cearense e o carnaval carioca são peças fundamentais na bibliografia da música nacional, constituindo leitura obrigatória para quem pretender estudar os caminhos da música do povo. Ele escreve, comenta, documenta, comprova, critica, prova e revela, em todos os momentos, os mais profundos conhecimentos sobre o assunto, que domina de maneira ampla e insofismável.

Agora, dando continuidade a esses estudos, elogiados em todo o Brasil, oferece-nos breves ensaios sobre a modinha, o Zé-pereira, os plágios (com um excelente estudo sobre a "Pequenina cruz do teu rosário", do nosso Fernando Weyne), não esquecendo Chiquinha Gonzaga, Catulo da Paixão Cearense, Ernesto Nazaré, Sinhô (em que é autoridade), Lamartine Babo, Heitor dos Prazeres, o numeroso Ari Barroso, Noel Rosa, Haroldo Lobo, Eduardo Souto e Pixinguinha. Examina alguns equívocos relativos a composições populares, lembra o cinqüentenário de "O teu cabelo não nega", revela misérias e grandezas do samba, mostra aspectos interessantes da batucada carioca, recorda velhas valsas sentimentais que fizeram a glória das noites brasileiras, enfim, o livro todo é uma beleza, com abundantes citações de versos e dissipação de muitas dúvidas.

Quem o conhece de perto, sabe que Edigar de Alencar é um dos nomes mais inteligentes que o Ceará exportou para

o Brasil. É que se chamava antigamente de talento fulgurante. Um homem que estuda, pesquisa, lê, anota, compara e tira conclusões do mais rico conteúdo, prestando inestimável serviço à música popular brasileira.

Mas faz tudo isso, com a excelência que o caracteriza, por ser, como é, um poeta. E um poeta de vários livros publicados, a que vem reunir-se agora o pequeno volume das *Cantigas de enleio e desencanto*. São versos em redondilha maior, dentro da melhor tradição da trova, abordando temas líricos, satíricos e brejeiros, de que se sai muito bem o autor, por possuir aquele elemento de que muitos andam atrás inutilmente hoje em dia — talento.

Vejamos algumas, escolhidas ao acaso:

“No meio de tanta gente
eu me sinto num deserto,
e tendo-te assim ausente
nunca estiveste tão perto.”

Esse é um modelo de legítima quadra literária, em que todos os versos rimam não apenas o segundo com o quarto, como é mais comum. E desse tipo há muitas, em todo o livro:

“Morena, meu bom pedaço,
se um dia eu te pego só,
não vacilo: me desgraço,
vou parar no xilindró.”

A figura da mulher, em que se centra o tema do amor, merece muitos louvores, alguns maliciosos ou sutis:

“Teus dois mimosos peitinhos
são dois pintinhos irmãos
que eu quero ver deitadinhos
na palma das minhas mãos.”

Neste outro, na mesma linha:

“A mulher menos levada
é perita em disfarçar:
encabula ao ser beijada,
mas adora encabular.”

É uma delícia o livro. Com muitos achados e imagens reveladoras de muita imaginação. Essa imaginação que não falta, em nenhum momento, a Edigar de Alencar, em prosa ou em verso. E em prosa louve-se, mais uma vez, o livro *Claridade e sombra na música do povo*, em que o distinguido escritor cearense, vitorioso em tantas lides, demonstra um fabuloso conhecimento de tudo o que se refira à música popular brasileira.

Por isso mesmo dei destaque a esses dois livros de Edigar, numa das últimas reuniões do Conselho Estadual de Cultura. E só lhe fiz justiça, por seu imensurável merecimento.

AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto/IOCE, 1983, 260 p.

Eusélio Oliveira

Produto bem acabado de pesquisa efetuada entre a década de 1960 e 1980, ano de defesa da tese de doutorado em Literatura Brasileira, Sânzio de Azevedo é o autor, sem alarde, da obra *a Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*.

Com esse meticuloso inventário de certa fase da literatura cearense, a presença vanguardista da Padaria Espiritual emerge trazendo a lume sua antecipação e contemporaneidade.

Compromissado com a memória viva de nossa cultura (se os autores são fisicamente transitórios, as obras quando perfeitas: imperecíveis), ele faz ouvido de mercador ao abecedário adotado por certa crítica carreirista, que defende, a a todo custo, o atrelamento subserviente de nossos valores ao eixo-Sul-cultural.

Aviventando o contorno histórico e estilístico desse grupo ingenuamente selvagem, o autor reconstitui com textos e dados informativos o retrato falado de uma época. Guerra decretada por eles contra "a massa descomunal / da chata mediocridade / balofa, pífia, banal" — trecho do poema de Sabino Batista (Sátiro Alegrete). O humor, o deboche e a gargalhada são as armas prediletas desses atrevidos jovens. Guerra

contra a burguesia mercantil, o clero (considerado por Carlos Vitor Ferreira Lopes, o Alcino Bandolim, a "alfândega da eternidade") e a polícia, tripé da "ordem estabelecida".

A obra em questão deflagra a revisão conceitual desse movimento anarco-corporativista, dando-nos uma visão alternativa de tal fase.

Para o leitor a Padaria Espiritual deixa de ser uma retícula isolada do clichê literário oficial, para ganhar o lugar merecido no contexto da cultura cearense.

O Simbolismo, segundo Sânzio de Azevedo, desabrocha no Ceará, sob influência direta de Portugal, quando da publicação do livro *Phantos*, de Lopes Filho, contrariando assim a versão tradicional que situava sua origem no Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. Ele também destaca a explosão contestatória dos Padeiros, não como reflexo de influências ou modismos, mas como premonitório avanço do vanguardismo espontâneo de cearenses que posteriormente desaguará no Modernismo brasileiro.

Rastejador lúcido e competente de nossa memória cultural, o autor prova e comprova o que argumenta e escreve. Sua abordagem perspectiva o diferencia de certos caçadores de sucesso que não passam de ruminadores de obras alheias. Pela primeira vez a Padaria Espiritual ganha estatura própria e é redimida em sua passagem insubmissa.